

Editorial

Inaugurando nova fase e nova face, *PÓS*, neste número 5, reúne contribuições provenientes de um universo ampliado e mais representativo de colaboradores. Agora, além de continuar divulgando as pesquisas daqueles já titulados por nosso curso, a revista abre-se para os trabalhos dos mestrandos, doutorandos e professores da escola. Em breve pretende acolher também artigos de docentes em outros pós-graduados em arquitetura, urbanismo ou áreas afins.

A iniciativa de renovação foi bem sucedida, como se pode apreciar pelas páginas a seguir. Isto não só pela busca de maior sintonia entre os desenhos da capa e do miolo e pela conquista de ilustrações a cores, mas principalmente pelo conteúdo e volume das matérias. O incentivo maior vem da qualidade conseguida entre os ainda estudantes, da mesma forma que entre os já titulados. Com temas bastante distintos, os tratamentos variam da descrição à análise, da interpretação à crítica, do ensaio ao projeto.

Em contrapartida à leitura sincopada dirigida por interesses específicos, sugiro um percurso sinuoso, entre os muitos possíveis. Talvez ele mereça o reparo de que a reta é o caminho mais curto entre dois pontos, o que é bom para quem quer chegar a um só lugar. Para os que pretendem apreciar a paisagem de idéias, abrindo-se a várias perspectivas, vale o que tenho a propor.

Pode-se começar entendendo que a capa deste número derivou de um trabalho disciplinar e que continua cultuando o edifício sede deste pós-graduado, fazendo parte de um projeto-manifesto em defesa da restauração completa do prédio e propondo logomarca inspirada na maçaneta de uma de suas portas principais.

Da maçaneta à cidade, num circuito de 360 graus na rosa dos ventos dos objetos da arquitetura moderna, recomendo ir às origens da renovação ecletista de São Paulo acompanhando Eudes Campos no resgate do papel pioneiro do engenheiro francês Stevaux ao atuar em projetos de obras oficiais do último quartel do século 19. Para permanecer na memória das cidades, leia-se o texto em que José Lira recupera o ideário em que estavam envolvidos engenheiros sanitaristas - incluindo Saturnino - que atuaram no planejamento do Recife.

Destes artigos com sólidas bases arquivísticas, convem passar ao teste de modelos teóricos sobre o meio urbano, acompanhando a verificação que Cláudia Loureiro e colegas fazem do trabalho de Hillier nos centros de Recife e Porto Alegre. Tratando de um aspecto específico da estruturação urbana, Kleber Pinto Silva estuda a formação histórica da rede de atendimento à saúde de Campinas e sua região.

Tratando de políticas públicas urbanas, Rosa Puchala faz a crítica dos princípios constitucionais de 1988 e aponta o quanto o espaço e a vida social das cidades

brasileiras estão determinados por instituições distantes do alcance municipal, o que exigiria a redefinição do planejamento urbano ante aos governos central e estadual, além de em relação ao mercado.

Para os que preferem aspectos sutis do projeto arquitetônico, Jorge Caron mostra como a conjugação de sensibilidade e técnica capacita a ordenar e redefinir psicologicamente através da luz e das cores espaços trivializados pelo uso cotidiano. Continuando nos aspectos psicoculturais da percepção, confira-se com Andrés Passaro se há afinidades entre espaços arquitetônicos delineados na literatura de Jorge Borges e aqueles propostos nos projetos arquitetônicos de Peter Eisenman.

Já Maria Elvira Federico, partindo de base documental semelhante, aproxima a poesia de Carlos Drummond de Andrade à pintura de Cândido Portinari, em leitura celebrativa de ambos os artistas. Outro trabalho de leitura da arte e do design é o de Monforte e Giorgi Jr.

Que a sensibilidade pode e deve ser usada como instrumento de pesquisa é um dos pontos revelados por Fernanda Cunha ao descrever seus percalços na coleta de dados sobre o plano diretor de uma cidadezinha mineira penetrada pelo Vale do Rio Doce. E a sensibilidade artística, cultivada dentro dos padrões estéticos modernistas, serviu como mostra a pesquisa de Mauro Claro, que ajudei a interpretar, a uma experiência de resgate humanístico do operariado de São Paulo praticada por setores avançados da Igreja Católica na década de 50.

Paulo Bruna conduz ao problema de entender e classificar doutrinariamente os compromissos do projeto arquitetônico apontando posturas ambíguas ou não lineares nos racionalistas italianos em relação ao historicismo, à eficiência das construções (segundo crítica que lhes fez Piacentini) e sua disponibilidade para participar dos grandes projetos oficiais fascistas.

Fechando o percurso, Júlio Katinsky reafirma a relação estreita entre ciência, arte e técnica, ao defender a prioridade do raciocínio e da experiência controlada como fundamento da descoberta da perspectiva entre a Medievalidade e Renascimento.

Convido não só à leitura. Espero e desejo que você possa, já no número 6 de *PÓS*, ser um dos articulistas.

Maria Irene Szmrecsanyi

Editora